

# AS BÊNÇÃOS DE JACÓ E SUA MORTE (GÊNESIS 49)

As bênçãos concedidas pelos patriarcas eram de natureza profética e continham revelações divinas do que realmente aconteceria. Quando Jacó abençoou seus netos antes de partir desta vida, ele apresentou uma mistura de boas e más notícias.

## AS BÊNÇÃOS DE JACÓ A SEUS FILHOS NO LEITO DE MORTE (49:1–27)

### Uma Convocação (49:1, 2)

<sup>1</sup>Depois, chamou Jacó a seus filhos e disse: **Ajuntai-vos, e eu vos farei saber o que vos há de acontecer nos dias vindouros:**

<sup>2</sup>Ajuntai-vos e ouvi, filhos de Jacó;  
ouvi a Israel, vosso pai.

**Versículo 1.** Do leito de morte, **chamou Jacó a seus filhos** pela última vez. Ele queria dar a cada filho uma última bênção. Jacó já tinha abençoado Faraó (47:7, 10), José (48:15) e Efraim e Manassés (48:20). Tudo o que restava era abençoar seus outros filhos (49:3–27). Então, ele convocou os filhos a **se ajuntarem** para que ele relatasse o que aconteceria **nos dias vindouros**. A expressão hebraica **בְּאַחֲרֵית הַיָּמִים** (*b'ach'rith hayyamim*) significa literalmente “no fim dos dias” ou “nos últimos dias”, como em Números 24:14. Essas expressões têm levado muitos estudiosos da Bíblia a pensarem que as passagens se referem a fatos ocorridos no fim dos tempos, na segunda vinda de Cristo, mas esse é um grave erro teológico. A expressão hebraica simplesmente se refere a um tempo indefinido no futuro, quando descendentes de Jacó se fixariam na terra de Canaã. Davi, um descendente de Judá, teria o “cetro” de rei e governaria sobre “os povos”

(gentios; 49:8–10). A passagem da “estrela” em Números 24:24–19 também aponta para Davi, que deveria ter o “cetro” de rei, exibindo seu poderio militar ao esmagar os moabitas e derrotar os edomitas. Por essa razão, é melhor traduzir a expressão hebraica por “nos dias vindouros”.

**Versículo 2.** Quando **Jacó** mandou seus filhos **se ajuntarem** e **ouvi-lo**, ele queria dar a última bênção antes de morrer. Essas palavras eram muito importantes no antigo Oriente Próximo. Os leitores de Gênesis de hoje geralmente ficam confusos porque alguns dos filhos de Jacó, na verdade, foram amaldiçoados em vez de serem abençoados pelo que o pai disse, apesar de o versículo 28 afirmar que cada filho foi “abençoado” com “a bênção que lhe cabia”. “Abençoar” (בָּרַךְ, *barak*) era uma palavra neutra que podia denotar dois extremos: bênçãos maravilhosas e maldições severas. Sendo assim, Jacó insistiu: **Ouvi a Israel, vosso pai**. As últimas palavras do patriarca a seus filhos foram relevantes e importantes para eles e para a posteridade deles. Se ele tivesse profetizado fatos relativos ao fim dos tempos que se cumpririam milhares de anos no futuro, suas palavras não teriam nenhum significado prático para a geração imediata. Ao contrário disso, as últimas bênçãos de Jacó foram de grande relevância para seus filhos porque continham más notícias (maldições) para alguns deles e boas notícias (bênçãos positivas) para outros, de acordo com a atitude e o caráter de cada um. Algumas dessas “bênçãos” pareciam se aplicar àquela geração, enquanto outras englobavam tanto os descendentes daquela geração como os do futuro, os quais deixariam o Egito e se estabeleceriam na Terra Prometida, segundo a promessa de Deus a Abraão (15:13–21).

## Os Filhos de Lia (49:3–15)

<sup>3</sup>Rúben, tu és meu primogênito,  
minha força e as primícias do meu vigor,  
o mais excelente em altivez e o mais excelente  
em poder.

<sup>4</sup>Impetuoso como a água, não serás o mais ex-  
celente,  
porque subiste ao leito de teu pai  
e o profanaste; subiste à minha cama.

<sup>5</sup>Simeão e Levi são irmãos;  
as suas espadas são instrumentos de violên-  
cia.

<sup>6</sup>No seu conselho, não entre minha alma;  
com o seu agrupamento, minha glória não se  
ajunte;

porque no seu furor mataram homens,  
e na sua vontade perversa jarretaram touros.

<sup>7</sup>Maldito seja o seu furor, pois era forte,  
e a sua ira, pois era dura;  
dividi-los-ei em Jacó  
e os espalharei em Israel.

<sup>8</sup>Judá, teus irmãos te louvarão;  
a tua mão estará sobre a cerviz de teus inimi-  
gos;

os filhos de teu pai se inclinarão a ti.

<sup>9</sup>Judá é leãozinho;  
da presa subiste, filho meu.  
Encurva-se e deita-se como leão e como leoa;  
quem o despertará?

<sup>10</sup>O cetro não se arredará de Judá,  
nem o bastão de entre seus pés,  
até que venha Siló;  
e a ele obedecerão os povos.

<sup>11</sup>Ele amarrará o seu jumentinho à vide  
e o filho da sua jumenta, à videira mais exce-  
lente;

lavará as suas vestes no vinho  
e a sua capa, em sangue de uvas.

<sup>12</sup>Os seus olhos serão cintilantes de vinho,  
e os dentes, brancos de leite.

<sup>13</sup>Zebulom habitará na praia dos mares  
e servirá de porto de navios,  
e o seu limite se estenderá até Sidom.

<sup>14</sup>Issacar é jumento de fortes ossos,  
de repouso entre os rebanhos de ovelhas.

<sup>15</sup>Viu que o repouso era bom  
e que a terra era deliciosa;  
baixou os ombros à carga  
e sujeitou-se ao trabalho servil.

## Rúben (49:3, 4)

**Versículos 3 e 4.** A primeira bênção foi na ver-  
dade uma maldição, semelhante ao pronuncia-  
mento de Noé em 9:25. Mais uma vez, o pecado  
custou a um primogênito sua posição privilegiada  
(como foi com Caim, Ismael, Esaú e Er). Jacó co-  
meçou focando a honra e o prestígio pertinentes a  
**Rúben** como **primogênito**, o qual trouxe grande  
alegria ao pai. Nele, o patriarca investira sua **força**  
e **as primícias do seu vigor** [para procriar] (veja  
Deuteronômio 21:17; Salmos 78:51). Sendo assim,  
ele era **o mais excelente em altivez** [dignidade] e **o**  
**mais excelente em poder**, possuindo uma porção  
dobrada do patrimônio de seu pai.

Todavia, o temperamento de Rúben era indis-  
ciplinado e **impetuoso como a água**. Ele lançou  
fora seu lugar de **excelência** ao **subir ao leito** do  
pai e **o profanar**, tendo relações sexuais com Bila,  
esposa concubina de Jacó (35:22). Nesse ato vil, Rú-  
ben abusou de sua posição de honra maculando a  
**cama** de seu pai com o pecado de incesto. Ao co-  
meter esse pecado, ele perdeu seu direito de pri-  
mogenitura e sua posição de liderança na família  
(1 Crônicas 5:1, 2) e recebeu a condenação de Jacó.  
Quando os israelitas começaram a se estabelecer  
na Terra Prometida, a terra concedida aos descen-  
dentes de Rúben foi o leste do rio Jordão (Josué  
13:15–23). Eles estavam “destinados a sofrer as  
consequências de serem relegados a uma posição  
inferior... nas tribos de Israel”<sup>1</sup>.

## Simeão e Levi (49:5–7)

**Versículo 5.** Ao dizer: **Simeão e Levi são ir-  
mãos**, Jacó não estava só afirmando a relação óbvia  
entre eles como irmãos de sangue, mas também es-  
tava enfatizado que eles eram aliados ou cúmplices  
que usaram **suas espadas** como **instrumentos de**  
**violência** numa causa em comum: o horrendo cri-  
me de matança dos homens de Siquém (34:25–30).

**Versículo 6.** Esse morticínio gerou tamanha an-  
gústia na **alma** de Jacó (נַפְשׁוֹ, *nepesh*, “vida” / “ser”<sup>2</sup>)  
que ele já não queria **o conselho** deles nem permi-  
tir que sua **glória** (כְּבוֹדוֹ, *kabod*, “vida” ou “pessoa  
interior”<sup>3</sup>) se ajuntasse com o agrupamento deles.  
A traição desses dois filhos foi além do que Jacó

<sup>1</sup>John T. Willis, *Genesis*, The Living Word Commentary.  
Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1979, p. 448.

<sup>2</sup>Kenneth A. Mathews, *Genesis 11:27–50:26*, The New  
American Commentary, vol. 1B. Nashville: Broadman &  
Holman Publishers, 2005, p. 888; n. 577.

<sup>3</sup>Ibid.

podia entender: **no seu furor mataram** todos os **homens** de Siquém porque um só homem havia violentado a irmã deles, Diná (34:2, 25–31). Jacó repudiou o comportamento deles de tal maneira que parecia não querer ter parentesco algum com eles.

A ira de Simeão e Levi não foi aplacada com a matança dos siquemitas; **na sua vontade perversa**, eles **jarretaram** [“aleijaram”; NVI] touros que pertenciam ao povo de Siquém, cortando-lhes os tendões das pernas. Isso geralmente era feito com os cavalos dos inimigos vencidos numa batalha, para que não pudessem mais puxar os carros de guerra. Todavia, os siquemitas não eram seus inimigos; concordaram em fazer uma aliança de paz com a família de Jacó (34:6–24). Então, além do morticínio em massa, os irmãos se envolveram em atos injustificados de crueldade, destruindo a força e a utilidade dos bois.

**Versículo 7.** Jacó amaldiçoou esses filhos porque o **furor** deles foi **forte**, e a sua **ira**, **dura**. Falando como um porta-voz (profeta<sup>4</sup>) de Deus, ele pronunciou a seguinte sentença: **Dividi-los-ei em Jacó e os espalharei em Israel**. Essa profecia apontava para centenas de anos adiante, quando os israelitas se estabeleceriam na terra de Canaã. A terra designada a Simeão ficava dentro dos limites do território pertencente a Judá (Josué 19:1–9). Visto que os descendentes de Simeão não são mencionados na bênção de Moisés (Deuteronômio 33) e sua tribo é raramente citada nos escritos posteriores do Antigo Testamento, pode ser que tenham perdido sua identidade exclusiva sendo absorvidos pela tribo de Judá. Os levitas tornaram-se a tribo sacerdotal; receberam quarenta e oito cidades espalhadas por todas as tribos (Josué 21:1–42), mas não possuíam uma terra separada do restante dos israelitas (Josué 13:14, 32, 33).

*Judá (49:8–12)*

**Versículo 8.** **Judá** era o quarto filho de Lia e o quarto filho de Jacó. Quando ele nasceu, sua mãe disse: “...louvarei o SENHOR” ao lhe dar um nome (29:35)<sup>5</sup>. Em sua juventude, Judá foi um dos filhos de Jacó que odiava José e sugeriu que os irmãos

<sup>4</sup>A ideia bíblica de um profeta é de alguém que fala no lugar do outro, como sua “voz”. Moisés foi porta-voz (profeta) de Deus, transmitindo as palavras de Deus a Arão. Arão, por sua vez, foi porta-voz (profeta) de Moisés, transmitindo suas palavras ao povo (Êxodo 4:10–16; 7:1, 2).

<sup>5</sup>O nome “Judá” está relacionado com o hebraico equivalente a “louvor”, de modo que a frase de Lia contém um trocadilho.

ganhassem algum dinheiro vendendo-o como escravo (37:26–28). Ele também teve relações sexuais com Tamar, sua nora, pensando ser ela uma prostituta (38:12–26). Todavia, Judá se redimiou aos olhos de Jacó e de seus irmãos, quando se ofereceu para ficar no Egito como escravo em troca da liberdade de Benjamim, para que este voltasse para a casa de seu pai em Canaã. Judá sabia que Jacó nunca conseguiu se recuperar da perda de José; se perdesse Benjamim também, certamente morreria de tristeza (44:18–34). Com base nessa atitude de Judá, Jacó admitiu que ele havia amadurecido e se tornado o tipo de pessoa capaz de ser um líder para a família e servir de exemplo de boa liderança para seus descendentes. Por isso, os descendentes de Judá se tornaram a tribo mais importante e a maior na Terra Prometida.

Ignorando os três primeiros filhos, o velho patriarca deu a porção principal do direito de primogenitura a seu quarto filho, Judá. Ele se tornaria o líder de seus irmãos e de seus descendentes. Essa nomeação de Judá deveria ser ratificada por seus irmãos, que o **louvariam** porque sua **mão** estaria **sobre a cerviz** (עֲרֵב, ‘orep)<sup>6</sup> de seus **inimigos**. Nada no relato bíblico da vida de Judá sugere que ele tenha pessoalmente cumprido esse papel, mas a bênção projetou-se mais adiante, ao distante futuro de sua posteridade. Chegaria o tempo em que os descendentes de Judá derrotariam seus inimigos, perseguiriam os que fugissem, os atacariam pelas costas<sup>7</sup>, e os destruiriam. Relatos bíblicos posteriores narram o papel decisivo desempenhado pela tribo de Judá na conquista de Canaã (Juizes 1:1–21) e em muitas vitórias de Davi sobre seus inimigos<sup>8</sup>. Quando as demais tribos aceitaram Davi (descendente de Judá) como rei, os filhos (descendentes) de Jacó fizeram figuradamente o que estavam destinados a fazer: **se inclinaram** a Judá representado por seu maior descendente, Davi (veja 2 Samuel 5:1–5).

**Versículo 9.** A essa altura, a descrição do narrador muda dos feitos futuros de Judá e da reação de seus irmãos para o simbolismo de um **leãozinho**. O **leão** é um dos animais mais ferozes. Várias pa-

<sup>6</sup>Jó usou ‘orep num sentido figurado em Jó 16:12. Imaginando que Deus fosse seu inimigo, acusou-O de pegá-lo pelo pescoço (cerviz) e “despedaçá-lo”.

<sup>7</sup>No contexto de um inimigo que vira as costas para fugir, a mesma palavra hebraica em 49:8 para “pescoço” pode ser traduzida por “costas” (Êxodo 23:27; 2 Samuel 22:41; Salmos 18:40).

<sup>8</sup>Há um resumo das vitórias de Davi em 2 Samuel 8:1–15.

lavras são empregadas em hebraico para descrever o leão, e o crescimento ou desenvolvimento de Judá é comparado ao de um leão recém-nascido. Primeiro, o filhote é pequeno e frágil; porém, com o tempo, ele se transforma num animal adulto que se acasala e domina seu bando (família) como um rei.

Não foi por acidente que o leão, geralmente considerado o rei dos animais, tornou-se o símbolo de liderança no mundo antigo. Na bênção de Moisés, as tribos de Gade e Dã são descritas como leões (Deuteronômio 33:20–22). Reis como Salomão e seus sucessores tinham estatuetas de leões perto e ao lado do trono em Jerusalém (1 Reis 10:18–20). Na história judaica posterior, os profetas referiram-se a certos reis do povo de Deus como leões (Ezequiel 19:1–9; Sofonias 3:3). Todavia, o uso mais antigo do simbolismo de leão relacionado a descendentes individuais de Abraão foi nessa bênção no leito de morte dita a Judá e sua posteridade, a qual aparentemente apontava para Davi.

Primeiramente, **Judá** (o homem) é descrito como um **leãozinho** que cresceu até se tornar um jovem leão (a tribo de Judá se desenvolvendo) e atacou sua **presa** (os cananeus na parte sul da Terra Prometida) com ferocidade, como parte da conquista de Canaã. Depois, como um leão poderoso e maduro (a tribo de Judá, sob a liderança de Davi), ele volta ao seu covil, onde se deita **como leão**. Ali, ele aguarda a próxima presa, ninguém se atreve a **despertá-lo** e **desafiá-lo**<sup>9</sup>. Em cumprimento dessa figura, Davi esperou pacientemente em Hebrom, reinando sobre Judá por sete anos e meio, até que as tribos do norte lhe pedissem para governá-las também, como parte de um reino unido (2 Samuel 5:1–5). Desse modo, Davi tornou-se o rei que governou todas as doze tribos de Israel (descendentes de Jacó).

**Versículo 10.** Aqui, a profecia de Jacó atingiu seu ponto alto. Ao descrever o descendente real de Judá, o escritor mencionou um **etro** que **não se arredaria de Judá**. **Nem o bastão** do rei deixaria de estar **entre seus pés**. Esses elementos eram símbolos evidentes da realeza no Oriente Próximo, como ilustram dezenas de relevos antigos<sup>10</sup>. Sem dúvida,

<sup>9</sup>Os versos de 49:9b estão em paralelo com Números 24:9a.

<sup>10</sup>Veja exemplos de reis representados por esses símbolos em James B. Pritchard, *The Ancient Near East in Pictures Relating to the Old Testament*, 2a. ed. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1969, p. 152 (n. 441), p. 153 (n. 445), p. 156

eles apontavam para a dinastia de Davi (veja Números 24:17–19; Salmos 45:1, 6, 7), que reinou sobre os israelitas (os descendentes de Jacó) durante alguns de seus melhores anos (veja 2 Samuel 7:8–16; Salmos 2:7–9; 89:3, 4). A última parte do versículo 10 é um quebra-cabeça para os comentaristas. Traduções e interpretações de **Siló** variam (veja *Estudo Complementar: O Significa do “Siló”*, nas páginas 34, 35). Contudo, a ideia é que os reis da linhagem de Judá ordenariam e os povos lhes **obedeceriam**.

**Versículo 11 e 12.** O descendente real de Judá, Davi, teria paz e grande prosperidade, sendo descrito simbolicamente **amarrando o seu jumento à vide e o filho da sua jumenta, à videira mais excelente**. O jumento era o meio de transporte comum para os filhos dos juizes (Juizes 10:3, 4; 12:14) e para a descendência dos primeiros reis de Israel (2 Samuel 16:2; 19:24–26)<sup>11</sup>. Quando um rei entrava numa cidade montado num jumento, isso simbolizava paz e prosperidade (Zacarias 9:9; Mateus 21:1–5). Todavia, só um tolo amarraria um jumento a uma vinha valiosa; o animal consumiria não só as uvas, mas também a vinha inteira. Essa imagem de abundância descreve, então, a descendência do jumento desfrutando de grandes riquezas.

A bênção exagerada de Jacó incluiu mais detalhes e ele retratou um descendente especial como sendo tão rico que podia lavar **as suas vestes no vinho**. Ele desfrutaria de uma colheita tão abundante e tão extravagante do fruto da videira que poderia mergulhar **a sua capa, em sangue** [suco] **de uvas**. Sua colheita de uvas e o vinho com elas produzido seriam tão abundantes que seus olhos ficariam **cinzentos** [חַכְלִילִי, *chaklili*] **de vinho**. Isso parece significar que seus **olhos** ficariam “avermelhados”<sup>12</sup> e a visão embaçada por beber tanto vinho<sup>13</sup>. A NVI comunica a mesma ideia, porém traduz a expressão hebraica por “mais escuros que o vinho”. Isso sugere que beber vinho tinto deixaria seus olhos num tom vermelho ainda mais escuro do que o vinho. A última afirmação exagerada a respeito de sua abundante prosperidade era que seus dentes ficariam **brancos de leite**. Considerando que o **leite não é** conhecido como um clareador de dentes,

(n. 454), p. 159 (n. 463).

<sup>11</sup>Todavia, Absalão montava uma mula quando tentou escapar da floresta de Efraim. Seu exército fora derrotado pelos servos de seu pai, Davi (2 Samuel 18:6–9).

<sup>12</sup>Bruce K. Waltke, *Genesis: A Commentary*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishers, 2001, p. 609, n. 197.

<sup>13</sup>Veja Provérbios 23:29–33, que diz que beber vinho demais faz o indivíduo “ver coisas estranhas”.

uma explicação melhor seria que “seus dentes reluziriam mais brancos do que o leite contra seus lábios manchados de vermelho”<sup>14</sup>.

*Zebulom (49:13)*

**Versículo 13.** Por alguma razão, Jacó inverteu a ordem de nascimento aqui; ele pulou Issacar, o quinto filho de Lia (veja 49:14, 15), dando a próxima bênção ao sexto filho dela, **Zebulom**. Este era o décimo filho de Jacó (30:17–20). Estranhamente, tanto aqui como na bênção de Moisés (Deuteronômio 33:18), Zebulom ser citado antes de seu irmão Issacar sugere que ele teve preeminência. Isso se confirmou mais tarde, quando Josué lançou sortes perante o Senhor (Josué 18:6) para a distribuição da terra e a Zebulom foi novamente dada prioridade sobre Issacar (Josué 19:10–23). A tribo de Zebulom foi a mais próspera e enérgica das duas.

Embora a bênção de Jacó diga que Zebulom **habitaria na praia dos mares e serviria de porto de navios**, a terra conferida a essa tribo não chegava ao mar Mediterrâneo (Josué 19:10–16). Foi a tribo de Aser que recebeu a terra a oeste de Zebulom beirando a costa marítima (Josué 19:24–31). A preposição hebraica ל (l) tem uma variedade de significados, por isso, segundo a profecia de Jacó Zebulom habitaria “na praia”, “à beira-mar” (NVI) ou “perto da beira-mar”<sup>15</sup>. Na verdade, a situação era bem favorável para Zebulom efetuar negociações com navios que subiam e desciam a costa porque o rio Quisom atravessava a planície de Esdraelon, seguindo o extremo sudoeste de Zebulom e o limite sul de Aser, onde desaguava no mar Mediterrâneo. Essa era uma passagem importante para o mar e para o porto de Aco, um pouco mais ao norte. Todavia, se os mercadores de Zebulom quisessem ir diretamente para o oeste até o mar, em vez de contornar Aser, eles podiam fazer o que outras tribos do interior faziam: pagar para que suas mercadorias fossem transportadas por território estrangeiro. Desse modo, Zebulom, cujo **limite** (noroeste) se estenderia **até Sidom**, seria um “porto” que promovia o comércio “para os navios”.

Alguns acreditam que a referência a “Sidom” implica que homens de Zebulom serviam como escravos em navios de Sidom que partiam do porto

de Sidom. Embora essa seja uma possibilidade sobre a descendência de Zebulom e Issacar (49:15b), os homens de Zebulom eram muito diferentes de seus compatriotas: na maioria, pareciam fortes, corajosos e empreendedores. Eram homens que sabiam defender a si mesmo e a seus interesses; não eram facilmente enganados, dominados ou forçados à escravidão. Um versículo paralelo citado na bênção de Moisés indica que os homens de Zebulom possuíam as qualidades que os favoreciam a “chupar a abundância dos mares” (Deuteronômio 33:19). A NVI expressa essa ideia com palavras ainda mais fortes, afirmando que eles “fariam um banquete com a riqueza dos mares”. A implicação é que aproveitariam as oportunidades comerciais, em vez de ficarem passivos ou se deixarem prestar trabalho escravo nos navios de Sidom. Sendo comerciantes poderosos, controlariam seu próprio destino e desfrutariam da abundância dos bons produtos obtidos do mar.

Outras passagens confirmam o fato de que os homens de Zebulom eram guerreiros fortes e corajosos. Eles fizeram nome lutando contra os cananeus e foram louvados no cântico de Débora como “povo que expôs a sua vida à morte” (Juízes 5:18). Os mesmos traços foram exibidos no tempo de Gideão, quando – em contraste com seus irmãos de Issacar – os homens de Zebulom juntaram-se a outros israelitas para derrotar os midianitas (Juízes 6:35). Finalmente, quando todas as tribos se aproximaram de Davi em Hebrom, pedindo para se unirem a ele num único reino, a tribo de Zebulom contribuiu com o maior número de guerreiros para o seu exército (1 Crônicas 12:23–40). Os cinquenta mil guerreiros de Zebulom eram experientes e comprometidos com a causa “com ânimo resolutivo” (1 Crônicas 12:33).

*Issacar (49:14, 15)*

**Versículo 14 e 15.** Issacar era o quinto filho de Lia e o nono de Jacó (30:14–18). A tribo descendente dele é amplamente ignorada em Juízes. No registro das tribos e suas batalhas contra os cananeus (Juízes 1), Issacar nem é mencionado. Todavia, encontramos uma referência aos homens de Issacar estando com Débora e Baraque na batalha contra Sísera e seu exército (Juízes 5:15). Nessa ocasião, Deus inundou o vale do rio Quisom, forçando os cananeus a abandonarem seus novecentos carros de ferro. O exército de Sísera foi, assim, facilmente derrotado pelos israelitas (Juízes 4:1–5:31), porém

<sup>14</sup>Matthews, p. 897.

<sup>15</sup>“Perto” é mais um significado dessa preposição. (Francis Brown, S. R. Driver e Charles A. Briggs, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1962, p. 511.)

o texto se cala no que diz respeito à parte dos homens de Issacar na vitória.

Segundo Juízes, os homens de Issacar não participaram absolutamente da guerra de Gideão contra os midianitas, amalequitas e os filhos do Oriente. Esses invasores atravessaram o Jordão e atacaram a região tribal de Issacar no vale de Jezreel (Juízes 6:33; veja Josué 19:17–23); e em vez de resistir a essa invasão, eles se entregaram. Então, quando o Espírito do Senhor desceu sobre Gideão, ele mandou mensageiros por Manassés, Aser, Zebulom e Naftali para chamar os homens à batalha (Juízes 6:34, 35), porém ele não fez esforço algum para chamar Issacar para defender sua terra. Em vez de se opor aos agressores, essa tribo espontaneamente se sujeitou a eles e se tornou escrava deles.

Essa informação histórica nos ajuda a entender a bênção/maldição profética de Jacó de que os descendentes de Issacar seriam um **jumento de fortes ossos**, porém cairiam **entre os rebanhos de ovelhas** achando **repouso bom** numa **terra** que era **deliciosa**. O termo hebraico usado aqui, מִשְׁפָּתַיִם (*mishp<sup>e</sup>thayim*), é uma palavra composta de significado indeterminado. A tradução “rebanhos de ovelhas” interpreta 49:14 e 15a como se referindo ao lugar de descanso ideal e pacífico para Issacar na planície fértil a oeste do Jordão. Atribuem a 49:15b o significado de que essa tribo submeteu-se aos fenícios, que os sujeitaram **ao trabalho servil** (escravidão)<sup>16</sup>.

Contrárias a essa opinião, as versões ARC, ARIB, ACRF e NVI e outras autoridades atuais apresentam *mishp<sup>e</sup>thayim* como uma referência a “fardos” ou “cargas” que um jumento tinha de carregar. Um jumento é por natureza um animal de carga, em oposição a um cavalo de guerra que pode puxar um carro de guerra ou um camelo no qual um guerreiro pode montar enquanto ataca seus inimigos (Juízes 4:13–16; 6:5). Visto que o significado dessa palavra hebraica é debatido por estudiosos, não há certeza quanto ao seu significado aqui. Pelo menos no contexto da batalha de Gideão, parece claro que a tribo de Issacar optou por agir como um jumento deitado entre suas cargas, numa entrega passiva aos invasores de sua terra. Em vez de lutar contra os inimigos e confiar na promessa divina de vitória na Terra Prometida, eles optaram pela submissão e por uma vida de mera existência, como se fossem animais de carga forçados a servir

<sup>16</sup>Willis, p. 452.

seus senhores pagãos.

## Os Filhos das Concubinas (49:16–21)

<sup>16</sup>Dã julgará o seu povo,  
como uma das tribos de Israel.

<sup>17</sup>Dã será serpente junto ao caminho,  
uma víbora junto à vereda,  
que morde os talões do cavalo  
e faz cair o seu cavaleiro por detrás.

<sup>18</sup>A tua salvação espero, ó SENHOR!

<sup>19</sup>Gade, uma guerrilha o acometerá;  
mas ele a acometerá por sua retaguarda.

<sup>20</sup>Aser, o seu pão será abundante  
e ele motivará delícias reais.

<sup>21</sup>Naftali é uma gazela solta;  
ele profere palavras formosas.

*Dã (49:16–18)*

**Versículo 16.** O quinto filho de Jacó, Dã, era o primeiro filho de Bila, serva de Raquel (30:5, 6). Ele foi o primeiro filho das concubinas a ser abençoado pelo patriarca. Dã, na verdade, recebeu uma bênção dupla, e a primeira parte envolveu um jogo de palavras: **Dã** [דָּן, *Dã*] **julgará** [דִּין, *din*] **o seu povo, como uma das tribos de Israel**. O nome “Dã” significa “julgar”, mas também significa “julgar uma causa” ou “fazer justiça”. O nome reflete o estado mental de Raquel quando ele nasceu. Ela exclamou: “Deus me julgou” e lhe deu o nome de Dã (30:6).

Como Dã julgou (fez justiça a) o seu povo? Visto que Deus é descrito como Aquele que faz justiça ao Seu povo (Deuteronômio 32:36; Salmos 135:14; veja Salmos 72:2), alguns pensam que “povo” aqui refere-se à nação de Israel<sup>17</sup>. Considerando que nada se lê sobre a tribo de Dã julgar ou fazer justiça a toda a nação, parece melhor entender a profecia se aplicando ao povo da própria tribo. Parte dessa justiça pode ter ocorrido através das vitórias de Sansão sobre os filisteus (Juízes 14–16), o qual governou duramente a tribo de Dã por quarenta anos (Juízes 13:1).

**Versículo 17.** Jacó também descreveu Dã como uma **serpente junto ao caminho**, que seria como uma **víbora junto à vereda, que morde os talões [tornozelos] do cavalo**. Isso faria o cavalo empinar e seu cavaleiro **cair por detrás**. Os estudiosos

<sup>17</sup>Gordon J. Wenham, *Genesis 16–50*, Word Biblical Commentary, vol. 2. Dallas: Word Books, 1994, p. 481.

identificaram vinte tipos de cobras venenosas na Palestina, e uma delas é a víbora “à beira do caminho” (NVI), uma cobra amarela perigosa. Ela possui protuberâncias acima dos olhos que lembram chifres e se esconde em pedras ou covas na areia, esperando para atacar animais ou homens que por ali passam sem notá-la. Alguns Targuns judaicos e a maioria dos comentários judaicos medievais identificam Sansão como a víbora que atacou os filisteus de repente e com um poder mortal<sup>18</sup>.

Outro exemplo do ataque súbito de Dã é a história repugnante da destruição de Laís. Não mais conseguindo manter-se na parte sudoeste do país em oposição aos filisteus, seiscentos danitas foram para o norte, à procura de um lugar melhor para a tribo residir. Chegaram à cidade pacífica de Laís, no extremo norte de Canaã; e ali, como uma víbora, atacaram repentinamente, exterminando toda a população e queimando a cidade. Depois disso, reconstruíram a cidade e a chamaram “Dã”, em homenagem a seu antepassado, o filho de Jacó. Ergueram uma estátua e estabeleceram um sacerdócio ilegítimo (Juízes 18:1–30). Continuaram ali até que os assírios chegaram em 722 a.C. e os levaram cativos por causa de sua idolatria e iniquidade.

**Versículo 18.** Ao concluir sua bênção a Dã, Jacó de repente proferiu uma breve oração a Deus: **A tua salvação espero, ó SENHOR!** Esse clamor é uma exceção entre as expressões ditas por Jacó. Seria isso uma profecia sobre o maior herói de Dã, Sansão, cuja arrogância o levaria a traçar um caminho de degradação moral e espiritual antes de destruir-se a si mesmo, juntamente com milhares de filisteus? Talvez fosse uma expressão de medo de que os descendentes de Dã cometessem o assassinato indiscriminado dos habitantes de uma cidade pacífica (Laís). As bênçãos no leito de morte evidenciam que Jacó estava preocupado com o que alguns de seus filhos e descendentes poderiam se tornar no futuro. Com a aproximação da morte, pode ser que pecados do passado tenham relampejado em sua mente. Ele estava ciente da sua fragilidade e da de seus filhos; ele sabia que todos eles careciam da graça e salvação de Deus.

*Gade (49:19)*

**Versículo 19.** Gade foi o primeiro filho de Zilpa, serva de Lia, e o sétimo filho de Jacó (30:10, 11).

<sup>18</sup>Ibid.

A breve afirmação feita sobre ele nesse versículo contém seis palavras em hebraico, e três delas são trocadilhos com o nome “Gade”. Ao empregar a raiz hebraica גַּד (*gd*) e acrescentar outras letras, o escritor inseriu variantes da palavra “guerreiro”: **Uma guerrilha o acometerá; mas ele a acometerá por sua retaguarda** (grifo meu). A NVI diz: “Gade será atacado por um bando, mas é ele que o atacará e o perseguirá” (grifo meu).

A tribo de Gade estabeleceu-se no leste do Jordão, fora do território tradicional de Canaã. Visto que não tinham uma fronteira natural que os separasse de inimigos que viessem a invadir aquela região, foi com muita dificuldade que mantiveram a herança de sua tribo. Estavam cercados pelos moabitas ao sul, pelos amonitas ao leste e pelos arameus ao nordeste. Gade é mencionada na Pedra Moabita (do século IX a.C.), onde Mesa, rei de Moabe, alegou ter capturado Atarote, uma cidade de Gade, e matado todos os seus habitantes. A razão que ele deu para essa matança foi saciar seu deus Quemós e o povo moabita<sup>19</sup>. Sendo Gade uma tribo pequena, tiveram de ser guerreiros habilidosos para sobreviver aos invasores, que os atacariam (1 Crônicas 12:8). Na bênção de Moisés, eles são descritos como sendo ferozes como um leão (Deuteronômio 33:20, 21). A tática básica deles era astúcia e ataques-surpresa por trás, e foi por isso que a profecia de Jacó dizia que eles “acometeriam seus inimigos por sua retaguarda”.

*Aser (49:20)*

**Versículo 20.** Aser era o oitavo filho de Jacó e o segundo de Zilpa. Lia o chamou “Aser” (“feliz”) porque ela ficou exultante de alegria por sua serva ter dado a Jacó outro filho (30:12, 13). A profecia de Jacó em seu leito de morte dizia o seguinte a Aser: **o seu pão será abundante**. Isso significava que sua descendência se tornaria uma tribo grandemente abençoada; a porção deles em Canaã seria uma terra fértil no noroeste da Galileia, estendendo-se até o mar Mediterrâneo. A bênção de Moisés descreveu Aser como aquele que “agradaria a seus irmãos”. Ele “banharia em azeite o pé”, cujo significado é que ele desfrutaria de grande prosperidade e andaria “sem pressa” (Deuteronômio 33:24, 25).

Com o passar do tempo, os descendentes de

<sup>19</sup>W. F. Albright, trans., “The Moabite Stone” em *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, 3a. ed., ed. James B. Pritchard. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1969, p. 320.

Aser foram avaliados de um modo muito diferente do que o texto bíblico aparentemente indica. A vida feliz e próspera teve um lado agourento, que causou sérios problemas espirituais e políticos para o povo de Deus. O autor de Juízes falou da tribo de Aser de modo depreciativo, enfatizando que eles “continuaram no meio dos cananeus” e “os não expulsaram” (Juízes 1:32). Ele também mencionou uma gama de cidades cananeias importantes, além dos portos marítimos fenícios, que provavelmente se tornaram centros de exportação para alguns produtos de Aser. Esses descendentes de Jacó parecem ter se preocupado mais com a manutenção do comércio com os estrangeiros do que com as concessões morais e espirituais que, inevitavelmente, tiveram de abrir. O cântico de Débora reprovou os homens de Aser por sua neutralidade passiva. Eles deveriam ter ajudado a tribo sitiada de Efraim, quando sob ataque do exército cananeu de Sísera (Juízes 4:13; 5:17).

A profecia de Jacó sobre Aser foi uma espada de dois gumes: uma bênção o fato de desfrutarem de pão abundante; porém, as **delícias reais** se tornariam uma maldição. Essa expressão implicava um comércio próspero com os reis locais das cidades cananeias e cidades-estados portuárias estrangeiras como Aco e Sidom (Juízes 1:31). Essencialmente, os descendentes de Aser usaram suas bênçãos dadas por Deus não só para se enriquecerem, mas também para sustentarem e fortalecerem regimes pagãos.

*Naftali (49:21)*

**Versículo 21.** Naftali foi o segundo filho da serva de Raquel, Bila (30:7, 8). As palavras da bênção de Jacó têm sido entendidas de várias maneiras através dos séculos. A LXX e os Targuns aramaicos diferem do TM (produzido por volta de 800 d.C.). Victor P. Hamilton enumerou seis principais interpretações do versículo 21; cinco delas são avaliações positivas da tribo de Naftali, ao passo que uma é negativa<sup>20</sup>. Embora não haja certeza quanto ao que o velho patriarca estava prevendo, duas opções parecem mais prováveis. A primeira é usada na ARA: Naftali é **uma gazela solta; ele profere palavras formosas**. A segunda aparece na NVI: “Naftali é uma gazela solta, que por isso faz

festa”.

A primeira parte do versículo é idêntica em ambas as traduções, comparando Naftali a uma gazela que está “solta” ou “livre”. A segunda parte do versículo na ARA diz que “ele profere palavras formosas”; isso constitui um desvio da comparação de Naftali com uma gazela, visto que uma gazela não pode “proferir palavras formosas”. Todavia, está de acordo com a analogia dizer que ela “faz festa” (NVI). O simbolismo de uma “gazela solta” parece se referir à liberdade e independência que a tribo de Naftali desfrutaria na região esparsamente povoada do norte e oeste do mar da Galileia. Sofrendo menos oposição dos habitantes pagãos de sua região, conseguiriam se multiplicar como uma gazela solta.

Nas referências do Antigo Testamento, a tribo de Naftali não era reconhecida por “proferir palavras formosas”, mas por tomar atitudes decisivas. Juntamente com a tribo de Zebulom, enviaram milhares de homens em resposta ao chamado de Débora para enfrentar um enorme exército liderado por Sísera, o qual tinha novecentos carros de ferro (Juízes 4:3, 6, 10). Sísera representou uma grande ameaça para várias tribos da Galileia, mas os homens de Naftali ajudaram Débora e Baraque a obter grande vitória sobre ele e seus soldados. Todavia, em seu próprio território, eles não expulsaram todos os cananeus de duas de suas cidades do noroeste: Bete-Semes e Bete-Anate. Pelo contrário, a tribo de Naftali “continuou no meio” desses pagãos e lhes prestaram “trabalhos forçados” (Juízes 1:33).

## Os Filhos de Raquel (49:22–27)

<sup>22</sup>José é um ramo frutífero,  
ramo frutífero junto à fonte;  
seus galhos se estendem sobre o muro.

<sup>23</sup>Os flecheiros lhe dão amargura,  
atiram contra ele e o aborrecem.

<sup>24</sup>O seu arco, porém, permanece firme,  
e os seus braços são feitos ativos  
pelas mãos do Poderoso de Jacó,  
sim, pelo Pastor e pela Pedra de Israel,  
<sup>25</sup>pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará,  
e pelo Todo-Poderoso, o qual te abençoará  
com bênçãos dos altos céus,  
com bênçãos das profundezas,  
com bênçãos dos seios e da madre.

<sup>26</sup>As bênçãos de teu pai

<sup>20</sup>Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis: Chapters 18–50*, The New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, pp. 676–77.

excederão as bênçãos de meus pais  
até ao cimo dos montes eternos;  
estejam elas sobre a cabeça de José  
e sobre o alto da cabeça do que foi distingui-  
do entre seus irmãos.

<sup>27</sup>Benjamim é lobo que despedaça;  
pela manhã devora a presa  
e à tarde reparte o despojo.

José (49:22–26)

**Versículo 22.** José era o décimo primeiro filho de Jacó e o primeiro filho de Raquel (30:22–24). Sendo o filho favorito do pai (37:3; 45:28; 46:30), não deve nos surpreender que essa foi a bênção mais longa de Jacó no leito de morte. Ela começou com uma frase metafórica que identifica José como **um ramo frutífero** (בֵּן פְּרִיָה, *ben porath*) de uma árvore. Essa expressão hebraica significa literalmente “filho de uma [árvore] frutífera”<sup>21</sup>. Em hebraico ou aramaico, usar “filho de” nessa metáfora indica excelência de qualidade ou caráter. Isso também se aplica aos tempos do Novo Testamento, quando outro José foi chamado de “Barnabé”, que significa “Filho da Exortação” em aramaico (Atos 4:36). Um tipo de metáfora semelhante encontra-se em Salmos 80:14, 15, que descreve simbolicamente Israel como a “vinha” que Deus plantou. Israel como um todo também foi descrito como “filho” de Deus (Êxodo 4:22; Oseias 11:1).

Dando continuidade à sua bênção sobre José, Jacó ainda o descreveu como um **ramo frutífero junto à fonte**. A imagem de um homem justo que floresce como uma árvore plantada junto às águas encontra-se em vários trechos do Antigo Testamento (Salmos 1:1–3; 92:12–14; Jeremias 17:7, 8).

A seguir, Jacó disse: **seus galhos se estendem sobre o muro**. No texto hebraico, a palavra traduzida por “galhos” é בָּנוֹת (*banoth*), que significa literalmente “filhas”. As “filhas” metafóricas de uma árvore são seus galhos, ainda que este não seja esse o significado da palavra *banoth*. A figura sugere uma árvore extraordinária que cresce e se expande rapidamente de modo que nada pode contê-la. Alguns comentaristas acreditam que essa figura se refira ao filho de José, Efraim, cujo nome significava “fertilidade” (41:52), porque ele seria o descendente de Jacó mais produtivo. O mais provável é que Jacó estivesse recordando – como fez no contexto da bênção dos filhos de José (48:3, 4)

– a manifestação de Deus a ele em Betel e Sua promessa de fazê-lo frutífero e numeroso (veja 35:11). Era natural que ele repassasse essa bênção a José; através dele, ela se cumpriria na posteridade de seus dois filhos, Efraim e Manassés.

**Versículo 23.** O tom da bênção de Jacó mudou de prosperidade para perigo, assim que ele mencionou **flecheiros** que dariam **amargura** a José. Ele disse que eles **atirariam contra** ele e **o aborreceriam** de todos os lados. Alguns expositores interpretam essas palavras como uma profecia da oposição e guerra que os descendentes de José enfrentariam na Terra Prometida; todavia, parece mais natural nesse contexto que Jacó estivesse dando continuidade à linguagem figurada empregada para a primeira parte da vida de José (veja 49:22). O uso metafórico de flechas ocorre numa série de versículos do Antigo Testamento. Diz-se figuradamente que Deus atirou flechas nos adversários de Davi (Salmos 18:14). E os que assassinam pessoas são descritos como atirando flechas neles (Provérbios 25:18; 26:18, 19; Jeremias 9:3, 8). Nas bênçãos de Jacó, portanto, os flecheiros e suas flechas parecem representar os adversários e as acusações que José enfrentou quando jovem.

Primeiramente, seus irmãos “o odiaram” (37:4, 5, 8) porque ele era o filho favorito, e foi por isso que o venderam a midianitas que viajavam para o Egito. O termo traduzido por “aborrecem” (שָׂטַם, *satam*) em 49:23 é o mesmo empregado para descrever o ódio de Esaú por Jacó devido à traição deste. Significa literalmente “guardar rancor” (27:41) e também descreve o ódio ou rancor oculto que os irmãos temiam que José guardasse e pudesse expor, assim que o pai deles faleceu (50:15).

**Versículo 24.** A resposta de José à guerra simbólica travada contra ele foi que **seu arco... permaneceu firme, e os seus braços... ativos** ao se defender. Essa imagem sugere que José foi forte, corajoso e bem-sucedido ao lutar contra seus inimigos. Todavia, a próxima afirmação fornece a razão por que José conseguiu prevalecer contra toda oposição: ele recebeu a ajuda de Deus. Nesta seção, Deus é mencionado com uma variedade de nomes ou títulos maior do que em qualquer outro poema bíblico. Esses versículos dizem mais sobre o Deus de José do que sobre o próprio José. O poder do Senhor se reflete na expressão **o Poderoso de Jacó**. Seu cuidado terno é descrito na ideia de ser Ele o **Pastor** do Seu povo (veja 48:15), enquanto Sua firme estabilidade e proteção estão implícitas na de-

<sup>21</sup>Mathews, p. 903, n. 630.

signação a **Pedra de Israel**.

**Versículo 25.** O próximo título enfatiza a continuidade da atividade de Deus na história: Jacó identificou o Senhor como **o Deus de teu pai, o qual te ajudará**. José nunca se esqueceu de que ele era um elo importante da corrente da história da redenção, assim como seu pai havia sido. As palavras de Jacó eram um lembrete para seu filho de que o Deus Todo-Poderoso (*'El Shadday*; 17:1), que chamou e abençoou o seu bisavô Abraão (12:1–3), estava operando na vida de José para abençoá-lo **com bênçãos dos altos céus e com bênçãos das profundezas**. A seguir, o patriarca mencionou as **bênçãos dos seios e da madre**, que José e Asenate experimentaram através dos nascimentos de seus dois filhos (41:50–52). A implicação era que a bênção de Deus de fertilidade continuaria na posteridade de José.

**Versículo 26.** Jacó lembrou seu filho que suas próprias **bênçãos** de ser pai de doze filhos **excederam as bênçãos de seus pais**, Abraão e Isaque. Abraão foi pai de oito filhos: Ismael com Agar (16:15), Isaque com Sara (21:2, 3) e mais seis filhos com Quetura (25:1, 2). Isaque, por sua vez, foi pai de somente dois filhos, Esaú e Jacó (25:24–26).

As bênçãos de Jacó podiam ser comparadas aos cumes do monte Carmelo e do monte Hermom – **até ao cimo dos montes eternos** – em contraste com a parte semi-árida de Canaã, onde a terra e a vegetação eram secas no verão. A bênção de Jacó também foi uma oração para que Deus continuasse a derramar todas as coisas boas **sobre a cabeça de José e sobre o alto da [sua] cabeça do que foi distinguido entre seus irmãos**.

*Benjamim (49:27)*

**Versículo 27.** Finalmente, Jacó deu uma bênção ao filho mais novo, nascido depois de seu filho mais amado (José), **Benjamim**, cuja mãe, Raquel, faleceu no parto (35:16–20). Surge aqui um grande contraste entre esse frágil e indefeso filho, a quem Judá e os demais irmãos tiveram de proteger (43:1—44:34) e **o lobo despedaçador** em que seus descendentes mais tarde se tornaram. É claro que essa bênção profética dizia respeito à posteridade de Benjamim, que no futuro seria famosa por suas façanhas militares na terra de Canaã, após os dias de Josué. A descrição de Jacó comparou-o a um lobo predador. Esse tipo de animal é cruel em seus ataques e **pela manhã devora a presa**. Após uma batalha, **à tarde**, o exército da tribo de Benja-

mim é descrito **repartindo o despojo** obtido com a vitória. Um exemplo antigo disso é o juiz benjamita Eúde sendo bem-sucedido na batalha contra os moabitas ocorrida no lado ocidental do rio Jordão (Juízes 3:15–30). Outra ilustração da natureza cruel da tribo se vê num período posterior ao dos juízes, durante a guerra benjamita contra outras tribos israelitas (Juízes 20:14–21). Saul, o primeiro rei de Israel, era da tribo de Benjamim; e seus homens tinham a reputação de serem “valentes” (1 Crônicas 8:33, 40; 12:2).

## A MORTE DE JACÓ (49:28–33)

<sup>28</sup>São estas as doze tribos de Israel; e isto é o que lhes falou seu pai quando os abençoou; a cada um deles abençoou segundo a bênção que lhe cabia. <sup>29</sup>Depois, lhes ordenou, dizendo: Eu me reúno ao meu povo; sepultai-me, com meus pais, na caverna que está no campo de Efrom, o heteu, <sup>30</sup>na caverna que está no campo de Macpela, fronteiro a Manre, na terra de Canaã, a qual Abraão comprou de Efrom com aquele campo, em posse de sepultura. <sup>31</sup>Ali sepultaram Abraão e Sara, sua mulher; ali sepultaram Isaque e Rebeca, sua mulher; e ali sepultei Lia; <sup>32</sup>o campo e a caverna que nele está, comprados aos filhos de Hete. <sup>33</sup>Tendo Jacó acabado de dar determinações a seus filhos, recolheu os pés na cama, e expirou, e foi reunido ao seu povo.

**Versículo 28.** Resumindo as palavras de Jacó a José e seus irmãos registradas em 49:1–27, o autor escreveu: **Isto é o que lhes falou seu pai quando os abençoou**. Os filhos de Jacó são identificados aqui como **as doze tribos de Israel**. O narrador também disse que Jacó **a cada um deles abençoou segundo a bênção que lhe cabia**. Com o passar dos anos, alguns traços de caráter diferentes de seus ancestrais foram claramente vistos nas atitudes e estilos de vida de várias tribos descendentes dos filhos, conforme prevera Jacó.

**Versículo 29–33.** Quando o patriarca concluiu suas bênçãos, **ordenou** uma tarefa a seus filhos. Ele começou dizendo: **Eu me reúno ao meu povo** – um eufemismo para dizer que a morte estava próxima. Foi esta a sua instrução: **Sepultai-me, com meus pais**. Essa expressão enfatizava a solidariedade familiar com Abraão e Isaque. Seu corpo deveria ser colocado **na caverna** que ficava **no campo de Efrom, o heteu** (49:29). Jacó então identificou o lu-

gar como a caverna que está no campo de Macpela, fronteiro a Manre (49:30a). Abraão comprara o campo e a caverna dos filhos de Hete, após a morte de Sara (49:32; veja 23:1–20).

A caverna acabou se tornando um lugar de sepultamento. O próprio Abraão foi ali sepultado, juntamente com Sara (23:19; 25:9, 10) e depois Isaque (35:29) e Rebeca. Muitos anos depois, Jacó sepultou Lia ali (49:31)<sup>22</sup>. Tudo isso era importante para Jacó porque Deus havia prometido uma herança permanente para os descendentes de Abraão na terra de Canaã (49:30b).

Apesar de Jacó e sua família terem encontrado no Egito um refúgio de bênçãos por intervenção de José, e sob o auspício de Faraó, a residência deles naquela terra era temporária. Independentemente de quanto tempo levasse, o destino deles apontava para a Terra Prometida (15:13–18). Mesmo sem a promessa de uma ressurreição dos mortos, Jacó cria que ser sepultado com seus ancestrais na caverna de Macpela era uma maneira de participar do futuro retorno de Israel àquela terra. **Tendo Jacó acabado de dar determinações a seus filhos, recolheu os pés na cama, e expirou, e foi reunido ao seu povo (49:33).**

#### ESTUDO COMPLEMENTAR: O SIGNIFICADO DO “SILÓ” (49:10)

Na bênção profética de Jacó aos seus filhos, a parte mais enigmática é sua última afirmação a Judá, que sugere que o “cetro” do rei e o “bastão” de Judá deveriam continuar até “que venha Siló” (49:10). Tradicionalmente, tanto por judeus como por cristãos, essa declaração é vista como uma profecia messiânica<sup>23</sup>. Considerando que a expressão hebraica pode ser traduzida de formas diferentes e que há variações textuais, várias interpretações do versículo têm sido sugeridas no decorrer do tempo. Comentaremos algumas delas aqui.

1. “Até que venha Siló” (ARA): o texto hebraico pode ser assim traduzido, mas será que “Siló” significa o Messias, como deixam implícito algumas traduções? O “Targum de Onkelos” (docu-

<sup>22</sup>Raquel, a esposa favorita de Jacó, obviamente não foi sepultada na caverna de Macpela porque morreu no parto e foi sepultada em algum lugar entre Betel e Belém, segundo 35:16–20.

<sup>23</sup>Jon D. Levenson, “Genesis” em *The Jewish Study Bible*, ed. Adele Berlin e Marc Zvi Brettler. New York: Oxford University Press, 2004, p. 97; Ronald Youngblood, Notas sobre Gênesis em *Bíblia de Estudo NVI*, ed. Kenneth Barker. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 86.

mento aramaico do primeiro século a.C.) substituiu “Siló por *Meshiha* (“Messias”) e afirma que Seu “reino” será estabelecido e Ele desfrutará da “obediência das nações”<sup>24</sup>. Semelhantemente, um dos Manuscritos do Mar Morto indica que a comunidade de Qunram entendia que 49:10 ensinava que “ao Messias da justiça” seria dado um reinado sobre Seu povo por infinitas gerações<sup>25</sup>. Apesar de ter se popularizado interpretar “Siló” como o Messias em 49:10, todos os demais textos que contêm a palavra “Siló” a empregam como o nome de uma cidade. Localizada no território de Efraim, Siló foi destruída por causa da iniquidade ali praticada (1 Samuel 1:1–3; 2:12–17, 22–36; 4:1–22; Salmos 78:60–64). Centenas de anos depois, Jeremias usou a destruição de Siló como símbolo do que Deus traria sobre Jerusalém e o templo, se o Seu povo não se arrependesse de seus caminhos maus (Jeremias 7:12–14; 26:6, 9). “Siló” provavelmente não deve ser aceita como um título para o Messias porque os escritores do Novo Testamento, que citaram muitas passagens do Antigo Testamento como profecias messiânicas, nunca se referiram a “Siló” em 49:10 como uma profecia que apontava para Jesus Cristo.

2. “Até que Judá venha a Siló”: uma leitura direta e rápida do texto hebraico resulta nessa tradução<sup>26</sup>. Contudo, se for assim traduzida, a expressão não se refere a Judá pessoalmente, mas a um de seus descendentes ou à tribo de Judá. Essa tribo ou indivíduo governaria sobre outras tribos a partir de Siló. É verdade que Siló foi o centro de adoração israelita durante a segunda metade do período dos juízes, e a arca de Deus foi ali guardada (1 Samuel 3:3; 4:3, 4). Todavia, a situação mudou drasticamente quando os filisteus derrotaram o exército israelita numa grande matança (1 Samuel 4:10, 11) e levaram a arca para Asdode, uma de suas principais cidades (1 Samuel 5:1).

O ponto fraco ao se inferir que 49:10 descreve um reinado em Siló consiste em que não há indicação de nenhum descendente de Judá – com certeza, não se trata de Davi – governando sobre o povo de Deus a partir de Siló em Efraim. Pelo contrário, Davi governou a tribo de Judá por sete anos e meio

<sup>24</sup>“Targum of Onkelos” em *The Targums of Onkelos and Jonathan Ben Uzziel on the Pentateuch*, trad. J. W. Etheridge. New York: KTAV Publishing House, 1968, p. 152.

<sup>25</sup>Millar Burrows, *More Light on the Dead Sea Scrolls*. New York: Viking Press, 1958, p. 401.

<sup>26</sup>Willis, p. 451.

em Hebrom, antes que ele e seus homens dominassem Jerusalém e a declarassem a capital do reino unido israelita (2 Samuel 5:1–5). Ele reinou em Jerusalém por aproximadamente trinta e dois anos e meio.

3. “Até que lhe prestem tributo”. Um antigo midrash judaico (uma explicação do texto) influenciou alguns rabinos medievais a corrigir “Siló”, שִׁילוֹ (Shiloh), para שֵׁי לֹה (shay loh), o que levou à tradução “até que lhe prestem tributo” (cf. versão inglesa *New Jewish Publication Society of America Version*)<sup>27</sup>. Traduções semelhantes também aparecem nas versões inglesas *New English Bible* e *New Revised Standard Version* e na BJ<sup>28</sup>. Se essa correção for aceita, a expressão poderá significar que deveria se prestar tributo a Judá (a tribo), o qual chegaria a Davi e, finalmente, ao Messias.

Uma vez que “Messias” implica um grande Rei da tribo de Judá<sup>29</sup>, essa tradução é atraente tanto para judeus como para cristãos. Alguns membros de ambos os grupos preveem um Messias político que derrotará nações gentílicas e receberá tributo deles quando reinar no trono de Davi em Jerusalém. Todavia, faz mil anos que esse cenário é previsto por uma minoria e duvidado pela maioria dos judeus e cristãos.

4. “Até que venha aquele a quem ele [o cetro] pertence” (NVI). Uma tradução mais elogiável de 49:10 encontra-se numa leitura alternada dessa passagem no Pentateuco Samaritano e no Texto Massorético. Em vez de *shay loh* para “Siló”, esses manuscritos contêm שֵׁלֹה (*shelloh*), que significa “a quem ele pertence”, resultando nesta leitura: “até que venha aquele a quem ele [o cetro] pertence”. Além da NVI, a BJC contém terminologia semelhante: “até que venha aquele a quem [obediência] pertence”. Um dos Rolos do Mar Morto fornece um *pesher* (interpretação) de 49:10 explicando o bas-

ção como “a aliança de realza [reinado messiânico] sobre seu povo por todas as gerações eternas”<sup>30</sup>. Ezequiel 21:17 contém uma expressão semelhante. Falando em nome de Deus, o profeta mandou o rei Zedequias tirar a coroa de sua cabeça “até que venha aquele a quem ela pertence de direito; a ele a darei”.

Tendo em vista o contexto geral de 49:8–12, Jacó parecia estar prevendo a superioridade de Judá sobre as demais tribos. Contudo, somente séculos depois foi que isso ficou evidente, quando, como um leão poderoso, a tribo de Judá liderou a conquista de Canaã (Juízes 1:1, 2). Transcorrido mais um período, Davi surgiu da tribo de Judá e foi ungido rei por Samuel sendo ainda um rapaz (1 Samuel 16:10–13). Anos depois, ele uniu as doze tribos e recebeu delas o cetro de rei como o ungido de Deus (מָשִׁיחַ, *mashiach*)<sup>31</sup> (2 Samuel 5:1–3). Por fim, Davi derrotou todos os inimigos vizinhos (2 Samuel 8:1–18) e os “povos” lhe “obedeceram” (49:10). Então, a promessa do Senhor aos patriarcas tornou-se realidade (13:14–17; 15:18–21; 26:3; 28:13; 35:12). Após as guerras, a linhagem real de Judá deveria ser abençoada com paz e prosperidade.

A referência de Jacó em 49:10 de fato parece apontar para o Messias. Todavia, o nome “Siló” não deve ser visto como uma designação para Cristo.

---

<sup>30</sup>Florentino García Martínez, *The Dead Sea Scrolls Translated: The Qumran Texts in English*, trad. Wilfred G. E. Watson, 2a. ed. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1996, p. 215 (col. 5).

<sup>31</sup>Em hebraico, a palavra significa “o ungido” (*messias*). Visto que todos os sacerdotes, que eram descendentes de Arão, e todos os reis, que eram descendentes de Davi, eram os ungidos, num sentido, todos eles eram messias de Deus. Todavia, por muito tempo de sua vida, Davi destacou-se como o rei ungido (*messias*) ideal do Antigo Testamento, e ele se tornou um tipo de Cristo. Quando Jesus estava pronto para iniciar Seu ministério pessoal, Ele foi ungido pelo Espírito Santo no Seu batismo (João 1:32–34; Atos 10:38). Foi somente quando Ele ascendeu ao céu e sentou-se no trono de Davi que Ele deu início, oficialmente, ao reinado messiânico como Senhor e “Cristo” (ὁ χριστός, *ho Christos*, “o Messias”, ou “o ungido”) (Atos 2:29–36). Jesus é o maior descendente messiânico de Davi e Ele agora reina sobre Seu reino espiritual eterno (João 18:36, 37; Colossenses 1:12–14; Hebreus 12:22–24, 28, 29) como o grandioso “Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi” (Apocalipse 5:5).

Autor: Bill Grasham

© A Verdade para Hoje, 2016

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS